



UNICAMP

P24.72

EVENTO: RADICALISMO LEVA PINA BAUSCH A BECO
SEM SAÍDA
 VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
 DATA: 22/02/95
 PÁGINA: _____
 SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

Radicalismo leva Pina Bausch a beco sem saída



A dança não contribui para mudar o quadro de equívocos de 'Trauerspiel': alguns atores do Tanztheater articulam algo em termos coreográficos, mas outros atolam na areia negra do cenário de Peter Pabst

Coreógrafa não se renova, não tem mais o que dizer e faz o espetáculo 'Trauerspiel' naufragar

PARIS — Pina Bausch e sua companhia, o Tanztheater, encerraram temporada na semana passada no Théâtre de la Ville, o templo da dança contemporânea na França. Os numerosos habitués deste encontro anual sabem que cada criação de Bausch é um cara a cara com a dor, a solidão, a impotência e o peso de estar no mundo, dilaceramentos típicos do sentimento de culpa norte-europeu, amplificado por duas guerras mundiais, que ba-

nha o cinema de Wim Wenders e o teatro de Heiner Müller, por exemplo. *Trauerspiel* (Peça Fúnebre), a última criação da coreógrafa de Wuppertal, não foge à regra.

Bausch revolucionou a dança contemporânea nos anos 70, escandalizando uma parte do público e da crítica com sua mistura de dança e teatro, e se tornou uma referência nos anos 80, provocando mais veneração do que polêmica. Cheia de similaridades com *Tanzabend I*, do ano passado, *Trauerspiel* leva ao limite estratégias básicas do trabalho de Pina Bausch, como a fragmentação de situações dramáticas independentes entre si e a falta de hierarquia entre elas. Cada situação, apresentada de

maneira simultânea ou em série, funciona como uma contribuição parcial para que o espectador dê um sentido ao conjunto.

Mas a radicalização destas propostas acaba num beco sem saída, no não-sentido. Mostra que a coreógrafa não consegue se renovar, não tem mais o que dizer e leva *Trauerspiel* ao naufrágio. Pina Bausch festeja — com décadas de atraso — a descoberta da geléia geral. O mundo é mesmo uma confusão, então vale tudo: mesclar soleni-

dade dramática com trocadilhos infames, paródia de aula de balé clássico com gritos de desespero, capoeira com grotescos homens travestidos

que olham languidamente em direção ao público, acrobacias circenses com alusões metafóricas à guerra. Algumas das situações podem até ser engraçadas, mas o riso crispado que emerge em meio ao patético não é liberador.

Para que o tom "agressivo" não baixe durante as duas horas e meia de espetáculo, Pina Bausch pratica

jogos de provocação das vanguardas teatrais dos anos 60. O problema é que faz isso com a pretensão de inventar algo novo, e aí o caldo entorna de vez. Uma atriz atira torrões de açúcar aos espectadores das primeiras filas como quem oferece comida aos animais, mas ela é incapaz de incorporar ao jogo as reações das pessoas quando estas diferem da passividade ou do constrangimento.

Longe do questionamento da quarta parede, que estava no centro das experiências nos anos 60, esta e as outras intervenções na mesma linha nunca vão às últimas consequências, demonstrando que só vale tudo para quem está em cima do palco. A tonalidade da representa-

ção dos atores é sempre a mesma, independente da situação apresentada: um teatro de gestualidade ostensiva, gritado, que se pretende "incômodo" a todo custo.

Se o teatro é preponderante em *Trauerspiel*, a dança não contribui para mudar o quadro. Apenas seis dos 21 componentes do Tanztheater conseguem articular algo em termos coreográficos — entre eles a brasileira Ruth Amarante —, enquanto os outros atolam na areia negra do cenário de Peter Pabst. Talvez isso possa ser explicado pela renovação quase total da companhia em dois anos. Mas não justifica tantos equívocos. (Alexandre Agabiti Fernandez, especial para o Estado)

OBJETIVO

É PEÇA

'INCÔMODA' A

TUDO CUSTO